

ENTREVISTA COM GLEN THOMPSON

Rafael Fortes¹
Glen Thompson²

Resumo Glen Thompson é pesquisador associado no Departamento de História da Universidade Stellenbosch (Stellenbosch, África do Sul). Sua tese de doutorado intitulou-se *Surfing, Gender and Politics: Identity and Society in the History of South African Surfing Culture in the Twentieth-Century*. Ele publicou vários artigos em revistas científicas e capítulos de livros tratando da história do surfe, entre outros assuntos. Ele também edita o site <https://writingsurfinghistory.org.za/>. Nesta entrevista, realizada em Muizenberg (Cidade do Cabo, Cabo Ocidental, África do Sul) em 16 de janeiro de 2019, ele fala sobre sua carreira acadêmica, história do esporte na África do Sul, interesses de pesquisa, surfe e arquivos com documentação sobre esporte.

Palavras-chave: História do Esporte. Historiografia. África do Sul. Surfe. Apartheid e pós-apartheid.

Interview with Glen Thompson

Abstract Glen Thompson is a research fellow in the History Department at Stellenbosch University (Stellenbosch, South Africa). His PhD dissertation was titled *Surfing, Gender and Politics: Identity and Society in the History of South African Surfing Culture in the Twentieth-Century*. He has published several journal articles and book chapters on the history of surfing, among other topics. He also runs the website <https://writingsurfinghistory.org.za/>. In this interview, which took place in Muizenberg (in Cape Town, Western Cape, South Africa), on January 16, 2019, he speaks about his academic career, sports history in South Africa, research interests, surfing, and sport archives.

Keywords: Sport History. Historiography. South Africa. Surfing. Apartheid and post-apartheid.

¹ Professor Associado na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: rafael.soares@unirio.br. Tradutor desta versão em português. Agradeço a Glen Thompson pela entrevista e por editar e copidescar o original em inglês. A versão original em língua inglesa está disponível no mesmo número de *Recorde: Revista de História do Esporte*. A pesquisa tem o apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

² Pesquisador Associado no Departamento de História da Universidade de Stellenbosch, Stellenbosch, África do Sul. E-mail: beachstudies@gmail.com.

Rafael Fortes: Você pode começar falando dos seus anos de formação acadêmica na graduação e pós-graduação?

Glen Thompson: Comecei minha vida universitária em 1990, na Universidade de Natal, em Durban, que hoje é a Universidade de KwaZulu Natal, campus Durban. Isso foi justamente quando o fim do apartheid se tornou se tornava realidade. Aqueles anos iniciais de transição política na África do Sul fizeram parte da formação do meu modo de pensar. A análise radical da África do Sul em termos de política, sociedade e economia começou a mudar em direção a identidade e cultura quando entrei na universidade. Você poderia dizer que praticamente tudo era “novo”. Havia oportunidades de olhar para novos tópicos e fazer novas perguntas à medida que a África do Sul se caminhava na direção de se tornar uma democracia. Embora a influência da luta política ainda tivesse importância, agora a democratização abria novas perspectivas sobre o passado sul-africano. Então aquele período de mudança fez parte do meu trabalho acadêmico.

Escolhi Língua Inglesa e História como tópicos dos meus anos de graduação.³ Juntar os dois, especificamente a partir da teoria literária, foi fundamental para o meu interesse de pós-graduação na escrita da história. Lembro de aulas de teoria literária sobre teoria crítica, pós-colonialismo, pós-estruturalismo, marxismo e pós-modernismo como áreas instigantes para explorar. E quando comecei a fazer o meu *Honours* – no contexto sul-africano, um diploma de *Honours* é um ano para se especializar em um único assunto, e eu tinha escolhido História –, eu juntei o que tinha lido em estudos literários da língua inglesa com estudos históricos e esbarrei com o campo da historiografia. Meu interesse na historiografia embasou minha abordagem pós-marxista da história no mestrado.

O meu diploma de Honours era composto de disciplinas e uma minidissertação. Para a dissertação trabalhei com a história do cristianismo carismático, olhando o contexto social e político de uma igreja local em Durban. Na época eu estava interessado nas ideias de religião, sociedade e política.

Escrevi minha dissertação de mestrado sobre o período final do apartheid, com foco novamente no cristianismo carismático.⁴ Observei as razões históricas pelas quais uma comunidade de fé composta em

³ A escolha dos cursos de graduação, bem como a possibilidade de combinar cursos/áreas em uma mesma formação universitária são algumas das diferenças entre a estrutura do ensino superior no Brasil e a de países como África do Sul e EUA (nota do tradutor - NT).

⁴ THOMPSON, Glen. *Ministering to the Oppressed: Change, Power and Faith in some of the Independent Charismatic Churches in Durban during the 1980s*. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Natal, Durban. A última publicação sobre este assunto foi: THOMPSON, Glen. ‘Transported away’: The spirituality and piety of charismatic Christianity in South Africa (1976 – 1994). *Journal of Theology in Southern Africa*, v. 118, March 2004 (nota do entrevistado – NE).

sua maioria por sul-africanos brancos de classe média transitou de uma posição apolítica no fim dos anos 1970 para se abrir para a politização e a democratização quando se chega a 1994. Usei história oral e revistas como fontes. Foi durante meus estudos de mestrado que me familiarizei com o trabalho com fontes fora dos arquivos formais.

Essas foram algumas das minhas influências e interesses acadêmicos durante meus anos de formação universitária. O assunto da minha pesquisa de mestrado não era a história política e social sobre a qual se escrevia na época no Departamento de História da Universidade de Natal, Durban, que tinha um foco mais africanista meridional e africanista.

E a sua tese de doutorado? Como foi a reação geral a ela?

Os primórdios do meu doutorado foram no fim dos anos 1990. Depois que terminei o mestrado, comecei a dar aulas no Departamento de História na Universidade de Durban-Westville, atualmente o campus Westville da Universidade de KwaZulu-Natal. Fui professor lá por dois anos.⁵ Nesse período, deixei para atrás meu trabalho sobre cristianismo carismático e comecei a lidar com história do surfe e masculinidades. Comecei o que eventualmente se tornaria meu projeto de doutorado, que eu só comecei formalmente em meados de 2009. Portanto, tem uma diferença de mais de dez anos entre pensar no projeto e começar no programa de doutorado no Departamento de História na Universidade de Stellenbosch.

Meu orientador principal foi o professor Albert Grundlingh, um nome proeminente da história social que escreve sobre esportes na África do Sul, mais precisamente críquete e rugby, contextualizando ambos nos períodos do apartheid e pós-apartheid. Ele também já escreveu sobre a história da praia, tratando de um *resort* de veraneio de africanos nacionalistas no sudoeste do Cabo.⁶ Portanto, foi uma combinação bacana entre os interesses historiográficos gerais dele e o meu interesse na história do surfe.

O doutorado estabelece uma história sócio-cultural e política do surfe na África do Sul do fim dos anos 1940 ao presente. A tese contextualizou o surfe no interior de fatores locais e transnacionais. Ela perguntou por que o surfe é visto como um esporte de homens brancos na África do Sul e encontrou as raízes desta ideia nas histórias inter-relacionadas da emergência do surfe no país, da influência da cultura do surfe californiana dos anos 1960 e de como a praia do apartheid moldou a segregação nas ondas. O estudo então contestou a visão

⁵ Posteriormente, deixei a vida acadêmica em tempo integral e trabalhei nos setores público e privado. Voltei a lecionar entre 2006 e 2009, como professor em tempo parcial no Departamento de História na Universidade Stellenbosch (NE).

⁶ Ver GRUNDLINGH, Albert. *Potent Pastimes: Sport and Leisure in Modern Afrikaner History*. Pretoria: Protea House, 2013.

recente do surfe sul-africano como predominantemente branco e masculino por meio da observação de histórias ocultas de surfistas mulheres e surfistas negros na construção da prática no país. Ele também mostrou como o surfe, enquanto esporte amador e profissional nos anos 1970 e 1980, foi moldado pelo boicote internacional contra o apartheid no esporte. Ao considerar o presente, o estudo delineou como o surfe, depois de 1994, tentou avançar em direção à transformação social na nova África do Sul, e como a presença do passado do apartheid continuou a assombrar o surfe. Em suma, é uma história crítica da narrativa corrente do surfe como um esporte despreocupado.⁷

De 2009 a 2014 trabalhei na tese e participei de vários congressos para ver como as pessoas iriam reagir ao trabalho. Alguns acadêmicos desdenharam por eu estudar surfe, embora houvesse uma aceitação da história do esporte. Mas foi mais porque soava como se eu fosse um surfista fazendo história. Mas nos meus artigos nos congressos eu dialogava com a história, que por acaso se voltava para o surfe. Eu estava abordando os temas políticos de raça, classe e gênero na África meridional, sobretudo quando considerava o surfe um esporte racializado durante os anos de apartheid nas praias. Isso, acho, foi de interesse acadêmico para aqueles que pesquisavam a política do cotidiano, estilo de vida, consumo e políticas de juventude. Muitas das falas que fiz foram bem-recebidas em congressos e seminários, embora geralmente eu fosse apresentado como “o surfista”.

Quando terminei o doutorado, houve um pouco de atenção da mídia sobre meu trabalho, na imprensa local. Saiu um artigo sobre mim como o “Dr. Cara”,⁸ que não era exatamente o que eu esperava quando eles tomaram por base a percepção popular do surfista. Também fui entrevistado para um site de surfe.⁹ Mas a mídia impressa *mainstream* do surfe nunca mencionou minha tese, embora eles soubessem do meu trabalho. Houve um certo silêncio no que diz respeito à recepção da minha história crítica do surfe no interior de alguns círculos no surfe sul-africano.

Também fui entrevistado por um programa de TV matinal, Expresso, a respeito do surfe na África do Sul pós-apartheid.¹⁰ Houve um engajamento positivo e com foco nas vidas negras no surfe. E eu tive a oportunidade de me envolver com dois documentários que enfocaram o surfe negro no país. Fui entrevistado para fornecer o contexto histórico do surfe.¹¹

⁷ THOMPSON, Glen. *Surfing, gender and politics: Identity and society in the history of South African surfing culture in the twentieth-century*, PhD thesis (History), Stellenbosch University, 2015.

⁸ Ver <https://www.timeslive.co.za/sunday-times/news/2015-04-05-dr-dude-rides-waves-of-sas-surfing-history/>.

⁹ Ver <https://www.wavescape.co.za/surf-news/breaking-news/tube-doctor.html>.

¹⁰ Ver <https://www.youtube.com/watch?v=i2gYxW0Vt9s>.

¹¹ *Freedom Riders*. Produtor: Matt Davis. Australia: ABC News Foreign Correspondent, 2016; e *Can't Steal Our Vibe*. Dir. Graham Nash. EUA: VANS, 2018.

Você surfa desde pequeno?

Comecei a surfar no início da adolescência. Parece que tinha que acontecer, porque a minha família costumava veranejar na praia quando eu era criança. Comecei a surfar quando um primo mais velho me deu a prancha dele, no início dos anos 1980. Entrei nas ondas e não larguei mais o esporte. Na adolescência, eu era fissurado em surfe. Eu provavelmente seria chamado um *grommet*, nos termos de hoje em dia.

No meu tempo de universidade, no início dos anos 1990, comecei a pensar criticamente sobre o surfe e a minha posição como surfista. Comecei a olhar para minhas interações sociais quando eu ia à praia e a refletir sobre aquela experiência e sobre o contexto histórico do surfe.

Ao longo dos anos (faço 50 esse ano), o surfe permaneceu parte de minha experiência esportiva, do meu estilo de vida, mas também uma atividade sobre a qual eu reflito criticamente. Essencialmente, estou pesquisando o surfe a partir de dentro, como alguém que faz parte daquele universo esportivo.

Em que cidades sul-africanas você morou durante sua vida no surfe?

Minha vida no surfe começou em Durban. Cresci surfando lá. Eu tinha um avô que morava no sul da província do Cabo, perto de George, em Victoria Bay, e eu costumava surfar lá nas férias da escola e da universidade. Depois, quando me mudei para a Cidade do Cabo em 2000, comecei a pegar onda aqui. Esses três lugares são centrais na minha experiência de surfista. E também houve outros lugares entre a Cidade do Cabo e Durban, incluindo Jeffrey's Bay.

Mas a principal coisa a dizer é que, ao longo dos meus primeiros anos de surfe, eu surfava de pranchinha. Com vinte e poucos anos, eu me desafiei em relação a essa perspectiva, pois eu realmente acredito que o tipo de prancha que você usa integra a consciência que você traz para a sua vida no surfe. Experimentei diferentes pranchas, tamanhos e *shapes*. Estive envolvido com longboard, stand-up paddle, e até com surfe de peito, como formas distintas de descer ondas. Quando eu surfo, por que eu surfo e com o que eu surfo são coisas importantes para mim, e intimamente ligadas na minha vida no surfe.

E a sua experiência em arquivos? Existe documentação sobre esporte disponível na África do Sul? E fontes relativas ao surfe?

Ao pesquisar o surfe, eu foquei especificamente nos arquivos de revistas de surfe, que essencialmente estão em dois locais: a sede de *Zigzag*,¹²

¹² Fundada em 1976 e em circulação até o presente, *Zigzag* é a principal revista de surfe do país (NT).

que tem edições antigas, e a Biblioteca Nacional da África do Sul, que tem o depósito legal. Porém, quando ainda era adolescente, comecei a colecionar revistas de surfe, incluindo *Zigzag* e outras que já acabaram. Ao longo dos anos, a coleção foi crescendo e fui preenchendo as lacunas. Para as edições que eu não consegui comprar de *Zigzag* – porque eles têm uma política de não se desfazer de uma edição se eles tiverem menos de 10 exemplares dela no arquivo, então não é possível comprar –, fui à Biblioteca Nacional e fiz cópias das páginas mais importantes. Para aumentar o meu arquivo de revistas, também comprei coleções privadas que pertenciam a surfistas e algumas pessoas me deram revistas.

Encontrei fontes adicionais quando fiz entrevistas. Uma das formas de levantar informações e conversar com pessoas foi me inscrevendo em campeonatos de surfe, principalmente de longboard. Participei de campeonatos de longboard de nível nacional. Nessas competições havia muitos adeptos que já surfavam nos anos 1960 e surfam até hoje.

Outra parte do arquivo de surfe são jornais antigos. Tenho buscado artigos que trataram da modalidade. Além da pesquisa em arquivos, já usei repositórios online em instituições acadêmicas, que contém *clippings* de imprensa sobre política e esporte, incluindo surfe.

Resumindo, não existe um único lugar onde um arquivo de surfe possa ser encontrado na África do Sul. E eu acho que isso poderia ser aplicado a vários outros esportes marginalizados, como esportes de ação ou esportes aquáticos. Embora estes esportes tenham uma organização formal para amadores e profissionais, eles não têm arquivos acessíveis ao público. Então, dá muito mais trabalho chegar a eles. Muito do processo de pesquisa é levantar as fontes primárias e identificar quem tem acesso a esses documentos ou onde os possíveis arquivos poderiam ser encontrados. Você tem que descobrir quem dirigia a associação de surfe na época, mas essa pessoa pode ou não ter o material. Eu terminei fazendo entrevistas de história oral para preencher as lacunas no arquivo.

Você lê em africâner? Qual a importância, para a sua pesquisa, de conhecer uma segunda língua?

Sim, eu consigo ler em africâner, e isso tem sido muito útil em termos de poder acessar fontes impressas, porque alguns dos principais jornais diários ou semanais são em africâner. Existem também programas de televisão em africânder e as entrevistas com informantes que falam este idioma. Compreender africâner me dá acesso a certas nuances dentro da cultura do surfe, embora o surfe seja visto geralmente como um esporte dos falantes de inglês.

Mas se você olhar quem está surfando em diferentes praias, de Muizenberg, no Cabo Ocidental, até lá em cima em Durban, em

KwaZulu-Natal, você vê pessoas brancas, negras e morenas na praia, e você não pode simplesmente pressupor que elas falam inglês. Parte da gíria que os surfistas falam, e que emerge de forma local ao longo da costa, é composta em parte por palavras em inglês ou em africâner, assim como em línguas originárias.

Qual o papel dos diferentes idiomas sul-africanos no que diz respeito às fontes e à pesquisa na história do esporte e nos estudos do esporte no país?

Mais recentemente, há uma influência maior do zulu na cultura do surfe em Durban, enquanto no Cabo Oriental e na região da Cidade do Cabo há uma influência do xhosa. Embora eu tenha uma compreensão limitada dessas línguas, quando eu participo de programas de desenvolvimento do surfe, tenho observado como esses programas vêm criando uma linguagem do surfe que vem dos participantes falarem zulu ou xhosa. Em muitos casos, isso vem criando um novo léxico para o surfe sul-africano.

Lembro de uma ocasião... Depois de um campeonato do Waves for Change,¹³ acho que em 2014, eu fui um dos únicos surfistas brancos anglófonos que entraram no mar com a maioria de jovens negros falantes de xhosa. Na água, eles falavam xhosa e, embora eu compreendesse algumas palavras, fui tratado como um *outsider* – o que me fez pensar na exclusão de outros por meio da língua em outros *points* de surfe.

Isso tem relação com a questão de conhecer um segundo, ou mesmo um terceiro idioma na África do Sul. Penso que é cada vez mais importante, à medida que os pesquisadores se interessam pelo surfe, que eles compreendam xhosa ou zulu. Para compreender as vidas dos surfistas negros, para acessar a experiência deles através da linguagem, seria importante falar esses idiomas.

Até o momento, conheço uma iniciativa de codificar regras de competição e o nome das manobras de surfe em zulu. Não existe, que eu conheça, algo semelhante em xhosa. Sei que o livro de regras em zulu foi usado em Durban para um campeonato de um programa de desenvolvimento do surfe, quando todo o evento foi feito em zulu.

Então, naquele caso, existe uma necessidade clara de compreender uma língua africana para conversar com os surfistas, tal qual em algumas áreas do Cabo Ocidental, você falaria africâner com surfistas negros ou morenos cuja língua original é africâner.

Quando eu solicitei esta entrevista, você respondeu dizendo que não se considera realmente um historiador do esporte. Por quê?

¹³ <https://www.waves-for-change.org/>.

Eu sempre me considerei um historiador interessado em questões sócio-culturais. O esporte acaba por se encaixar nessa categoria. Quando eu comecei a trabalhar com o surfe como uma área de interesse, vi nele temas sociais e políticos semelhantes aos que eu tinha estudado na minha pesquisa de mestrado sobre religião. Vejo o esporte como uma cultura/estilo de vida que pode trazer à luz questões de raça, classe, gênero e política. Neste sentido, eu esbarrei com a história do esporte. De fato eu vejo meu trabalho cabendo na historiografia da África meridional e em outros campos, por exemplo, nos estudos críticos do surfe,¹⁴ e da mesma forma estou fazendo história do esporte. Mas talvez exista uma maneira mais específica de olhar a questão. Estou fazendo a história de uma tradição esportiva que é também um interrogatório crítico do lugar dela em meio ao contexto histórico mais amplo. Não estou interessado apenas no domínio estreito do esporte e dos feitos de seus heróis. Quero contextualizar por que estes ícones esportivos tinham poder, como eles conseguiram obter seus recursos, qual foi o contexto político em que isto aconteceu, e como esses fatores forjaram um contexto cultural que deu sentido ao surfe. E é por isso que não me considero um historiador do esporte – mas quem sabe eu não me tornei um longo do caminho?

Às vezes eu fico impressionado com a forma pela qual pesquisar o surfe me permite problematizar determinadas concepções mainstream sobre esporte. No caso da África do Sul, como o seu trabalho se relaciona com iniciativas anteriores, como os livros de Douglas Booth e John Nauright, ambos publicados nos anos 1990?¹⁵

Ambas as contribuições são muito úteis para se compreender o contexto amplo da relação entre esporte e política na África do Sul durante os períodos do apartheid e do imediato pós-apartheid. John Nauright e Douglas Booth depois complementaram estas publicações ao escrever sobre o esporte pós-apartheid. Eles colocaram a história do esporte no interior da história *mainstream*, especialmente ao proporem que esporte e política eram cruciais na compreensão da sociedade sul-africana. Olhando os temas que eles levantaram, eu pude enquadrar meu trabalho sobre surfe, para observar como o surfe se encaixa na narrativa histórica deles sobre os esportes *mainstream*. Os trabalhos de Booth e Nauright focam claramente os esportes *mainstream*, os esportes com popularidade na sociedade e com atletas oriundos de setores diversos da população. Mas o surfe é um esporte pequeno e marginal, visto como esporte de brancos e de privilegiados, porque requer acesso à praia e a equipamento especializado para descer ondas. Mas, assim

¹⁴ See HOUGH_SNEE, Dexter Zavalza and EASTMAN, Alexander Sotelo, (eds.). *The Critical Surf Studies Reader*. Durham/London: Duke University Press, 2017.

¹⁵ BOOTH, Douglas. *The Race Game: Sport and Politics in South Africa*. London and New York: Routledge, 1998 and NAURIGHT, John. *Sport, Cultures and Identities in South Africa*. London: Leicester University Press, 1997.

como os esportes *mainstream*, o surfe também tem histórias ocultas, talvez mais ocultas do que em algumas dessas associações esportivas alinhadas com o esporte não-racial, como críquete, futebol ou rugby, na medida em que não existem arquivos disponíveis sobre o surfe não-racial. Mas havia clubes não-raciais organizados no surfe, que eram governados pela South African Surfing Union durante o apartheid.¹⁶ Essas histórias do surfe ocultadas devido à racialização do esporte sul-africano se enquadrariam no contexto estabelecido nos estudos de Nauright e Booth.

Eu também me apropriei de outros historiadores nos meus estudos do surfe. Albert Grundlingh, como eu mencionei, escreveu histórias sociais do esporte e da praia. Também utilizei o trabalho de John Hyslop, um historiador social que escreveu sobre cultura de consumo e estilo de vida na África do Sul dos anos 1980 e 1990.¹⁷ O trabalho dele me permitiu contextualizar minha compreensão do surfe como uma atividade subcultural e um estilo de vida, e como o surfe seguiu uma trajetória diferente dos esportes de campo *mainstream*. O surfe acontece no mar: um indivíduo descendo ondas, e geralmente fora de vista, a não ser que esteja na cidade, em uma praia popular. Ao focar o surfe, estou estendendo o trabalho de outros pesquisadores da África meridional para considerar a praia como um espaço social. E, na praia, as relações raciais e de gênero do surfe podem ser vistas. Aqui eu estudei como as masculinidades e o privilégio dos brancos trabalharam juntos para conferir capital social aos homens brancos que surfavam, e como isto excluiu surfistas homens negros e mulheres brancas do esporte.¹⁸

Então minha tese de doutorado e meu trabalho fora dela, em capítulos e revistas, tentou trabalhar com raça e gênero como duas categorias de análise ao observar a exclusão e inclusão social dentro do surfe durante os períodos do apartheid até o pós-apartheid.¹⁹

Você acompanha o que tem sido produzido na história do esporte em geral na África do Sul? Como está o campo hoje?

¹⁶ O esporte não-racial estava alinhado com as políticas antiapartheid do South African Council on Sports (SACOS). Embora a South African Surfing Union não fosse um membro formal do SACOS, ela aderiu à filosofia do SACOS (NE).

¹⁷ HYSLOP, Jonathan. Why Did Apartheid's Supporters Capitulate? 'Whiteness', Class and Consumption in Urban South Africa, 1985–1995. *Society in Transition*, v. 31, n.1, 2000.

¹⁸ Para os estudos de masculinidades, tomei por base MORRELL, Robert (ed.). *Changing Men in Southern Africa*. Pietermaritzburg, London and New York: University of Natal Press and Zed Books, 2001 (NE).

¹⁹ THOMPSON, Glen. *Otelo Burning* and Zulu surfing histories. *Journal of African Cultural Studies*, v. 26, n. 3, 2014. THOMPSON, Glen. Pushing under the Whitewash: Revisiting the making of South Africa's surfing Sixties. In: HOUGH-SNEE, Dexter Zavalza and EASTMAN, Alexander Sotelo (eds). *The Critical Surf Studies Reader*. Durham: Duke University Press, 2017. THOMPSON, Glen. A tale of two surf contests: Gender, sex and competitive surfing in South Africa during the late 1970s and early 1990s. In: LISAHUNTER (ed). *Surfing, Sex, Genders and Sexualities*. London and New York: Routledge, 2018.

Sim. É parte da minha lista permanente de leituras. Ashwin Desai publicou recentemente um trabalho sobre o críquete pós-apartheid e existem outros pesquisadores revisitando alguns dos mitos associados com as tradições esportivas *mainstream*.²⁰ Albert Grundlingh tem um trabalho em andamento sobre críquete e rugby. Peter Alegi escreve sobre futebol e recentemente coorganizou um número especial sobre esporte no periódico *Radical History Review*, no qual publiquei uma resenha sobre esportes aquáticos.²¹ Também frequento congressos de história para ouvir a respeito de novas pesquisas. Então, me mantenho atualizado com a literatura focada em África meridional e em África, e na história do esporte em outras partes do mundo.

Também me interessa por estudos do esporte em geral, sociologia do esporte, antropologia do esporte e estudos do lazer. Tenho grande interesse em estudos críticos do surfe. Essas leituras me ajudam a compreender o esporte no passado e no presente.

Como a história do esporte se relaciona com a história em geral na África do Sul?

A história do esporte era marginalizada em relação à história *mainstream* provavelmente até a Copa do Mundo de Rugby de 1995. Aquele momento de construção da nação ofereceu uma oportunidade para se estudar reconciliação e raça e a importância do esporte numa nova e democrática África do Sul. Subitamente havia atenção internacional para o esporte sul-africano. A Copa do Mundo de futebol em 2010 fez algo similar, colocando em evidência a história do esporte.

A África do Sul retornou ao esporte internacional após o apartheid e isso gerou interesse em se escrever sobre esporte. Até então, a história do esporte não era vista como um tópico viável para se abordar. Esporte, mesmo as histórias do esporte não-racializado, eram vistas como menos importantes para a questão política imediata de libertação política, embora o esporte fosse um lugar onde as pessoas podiam se reunir e se conscientizar politicamente.

Desde que o apartheid caiu e novas formas de pensar sobre o passado transitaram da história sócio-política para a cultural, o esporte se tornou uma peça importante para se compreender como raça, classe, gênero e identidade funcionam dentro da nova democracia na África do

²⁰ Por exemplo, ver a variedade de trabalhos de história do esporte publicados no congresso Sports Africa de 2017, realizado na University of Free State com o tema “Subalternidades Esportivas e Justiça Social”. Disponível em: <http://sportinafrica.org/conference/wp-content/uploads/2017/02/SportsAfrica2017ConferenceBooklet.pdf> (NE).

²¹ THOMPSON, Glen. Review Essay: Disturbed Waters: New currents in the history of water sport. *Radical History Review*, v. 2016, n. 125, May 2016. O dossiê, intitulado *Historicizing the Politics and Pleasure of Sport*, foi organizado por Peter Alegi e Brenda Elsey (NT).

Sul, e para tornar visível como alguns dos legados do apartheid ainda permanecem no presente. Em seguida, houve a construção de novos estádios para a Copa do Mundo de futebol e todo o dinheiro gasto pelo governo nos esportes. Essas questões contemporâneas de infraestrutura esportiva foram abordadas pelos historiadores do esporte. Esta é outra razão pela qual, suponho, a história do esporte se tornou muito mais *mainstream* na última década. Desde 2009, tenho comparecido aos congressos da Southern African Historical Society e lá tem havido trabalhos de história do esporte apresentados numa grande variedade de tópicos: automobilismo, meu trabalho sobre surfe, futebol, rugby, críquete, entre outros. E há novos pesquisadores entrando no campo, que estão atualmente fazendo seus doutorados.

Você mencionou alguns tópicos no período pós-apartheid. O que você considera temas de pesquisa promissores na era do apartheid, além daqueles especificamente relacionados à segregação?

Acho que as questões persistentes de raça, classe e gênero – que se relacionam de forma ampla com as ideias de identidade e sociedade – continuam sendo cruciais. Mas o que é importante é a economia política que estrutura essas identidades.

Uma área que boa parte dos estudos do esporte e da história do esporte enfatizou é o esporte *mainstream* formal, organizado. Acho que há muito espaço para trabalhos sobre esportes informais ou marginais no período do apartheid. E mais ainda, talvez, no esporte amador. Há também a interseção entre esporte amador e profissional. A profissionalização abre espaço para pesquisas sobre consumo e globalização. Isso leva à consideração das mídias visuais e seu papel na disseminação de informações sobre o esporte. No passado, os adeptos se baseavam em jornais e revistas, assim como em televisão e vídeo, para se manter informados sobre seu esporte. Novas pesquisas sobre como e para quem as mídias visuais eram produzidas oferecem novas perspectivas sobre como os esportes foram representados e para que propósitos.

Em muitos casos, as histórias oficiais das organizações esportivas foram escritas pelas próprias organizações. Essas histórias precisam ser contextualizadas e criticadas. Nos esportes ligados a estilo de vida, isso incluiria observar como a disponibilidade de tempo de lazer está relacionada como privilégios sócio-econômicos e com valores políticos. E como esses esportes se ligam, ou não se ligam, a movimentos amplos, globais, devido à solidariedade contra discriminações por raça, classe ou gênero.

Há uma necessidade urgente de histórias comparadas dos esportes. Os trabalhos iniciais de John Nauright e Douglas Booth fornecem a base para uma síntese dos esportes *mainstream*. Até o momento, houve muitos estudos de tradições esportivas específicas. O que precisa ser feito são comparações entre essas tradições esportivas dentro de um

mesmo período, e também comparações de diferentes regiões. Comparações supra-nacionais seriam uma boa forma de garantir que os estudos sul-africanos não pareçam sempre algo particular ou localizados dentro dos legados do apartheid, mas na verdade parte de tendências globais. Um caminho poderia ser um estudo Sul-Sul entre esportes na África do Sul e no Brasil.

De volta ao presente, os Jogos Olímpicos, claro, são um grande tema, especialmente para um país como a África do Sul, que retornou à competição na era pós-apartheid. O surfe e outros esportes de ação são esportes de demonstração dos Jogos Olímpicos de 2020 em Tóquio e podem abrir novos caminhos para os esportes de ação num contexto global.

Além das suas pesquisas relativas ao esporte, o que você gosta de ler em termos de literatura acadêmica?

Recentemente ando levando minha pesquisa numa nova direção, a partir do meu foco sócio-cultural, e agora ando lendo bem mais a literatura de humanidades ambientais. Estou interessado nas histórias sociais-naturais. Isso se relaciona com meu pensamento sobre as interseções entre pessoas, criaturas, e coisas; quer dizer, histórias misturadas de surfistas, tubarões e esgoto.

Quer dizer, estou interessado numa abordagem histórica mais ambiental do surfe. É uma história mais complexa do surfe e da praia do que aquela que eu escrevia nos meus trabalhos mais antigos, e reflete sobre as experiências que vivi na praia aqui na Cidade do Cabo, e em particular em Muizenberg.²²

Fora isso, tenho lido histórias culturais das nuvens e dos tsunamis, entre outros assuntos que me interessam [Laughs].

²² A entrevista foi realizada em um restaurante de frente para Muizenberg Beach.